

Sagrada Mulher, Querida Amazônia

Igor Januário da Silva¹

Pode a “Querida Amazônia” converter-se em “Querida Mujer”? Pode esse abraço dado à Amazônia, que abriu mão de muitas prerrogativas daquele que a vê de fora, estender-se, segundo o convite de Andrea Grillo, à dimensão feminina, que ainda é, em algum grau, estranha e não manipulável?

Segundo o teólogo, o documento, inovador, do Papa Francisco peca em seu olhar sobre a mulher, ignorando uma gama maior de possibilidades de compreensão do feminino. Por exemplo, quando diz que Cristo é modelo para os homens batizados, e Maria, modelo para as mulheres batizadas, não veicularia um incômodo reducionismo teológico?

Pretendo nesse artigo ponderar sobre a questão. Isto é, como a própria compreensão de “ponderar” sugere, aprofundar os pontos críticos de um assunto e trazer a lume os seus pontos positivos. Os avanços gerais trazidos pelo “Querida Amazônia” podem certamente nos impulsionar no estudo teológico sobre o feminino; e particularmente certas mudanças empreendidas no caminho, sinodal, de produção do documento.

Como se sabe, a Mãe Terra vem lançando já há décadas um grito de socorro, perante todo o desrespeito ao “ecológico”, ao nosso “viver juntos”. O planeta é o ponto de partida de toda ação humana, e o intermediário de nossas trocas e relações. Por isso, tudo é interligado, e vai se tornando ainda mais à medida que a globalização vai aprofundando os intercâmbios. Atesta-o, por operação inversa, a atual crise sanitária e econômica do Covid-19.

Esse clamor de nossa Casa Comum é também, como se depreende, o clamor dos pobres – de todos aqueles que sofrem na configuração atual da sociedade, particularmente na América Latina. Independentemente se nos orientamos por este ou aquele ideal econômico, a realidade é que viceja entre nós uma desigualdade brutal e injusta. Um capitalismo que se degrada e se torna

¹ graduando em Teologia pela PUC-Rio e orientado pela Prof.^a Dr.^a. Maria Clara Lucchetti Bingemer

“selvagem” (JOÃO PAULO II, 1991); e uma globalização que assume traços de “um novo tipo de colonialismo” – para usar as expressões do Papa João Paulo II (*apud* FRANCISCO, 2020).

O Sínodo para a Amazônia foi o primeiro a contar com a participação de mulheres. Nele, não entraram como simples ouvintes (“observadoras”), mas como participantes ativas. Nessa assembleia de 250 membros, 15% eram mulheres. Tivemos 36 mulheres representantes dos nove países: 21 religiosas e 15 leigas (lideranças indígenas, de movimentos socioambientais e cientistas). O documento final, Querida Amazônia, diz que, no Sínodo, “elas mesmas nos comoveram com o seu testemunho”, em uma seção do texto chamada de “A força e o dom das mulheres”. Por mais que nenhum sacerdote houvesse visitado as suas comunidades em décadas, as mulheres amazônicas “batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias” por séculos. Isto o documento atribui, com segurança, ao chamado e estímulo do Espírito Santo (99).

A cooperação entre as mulheres e o Espírito “manteve a Igreja de pé” na Amazônia. O documento as qualifica de “fortes e generosas”, dotadas de “dedicação admirável e de fé ardente” (99).

O “Querida Amazônia” exorta as comunidades locais a continuar dando grande “protagonismo” às mulheres, como sempre fez, por meio do estímulo a “talentos populares” (102). Mas nota que se deve tomar cuidado com “riscos que outrora não existiam” para a ação desses ministérios populares e femininos. E certamente aqui o documento pensava no exemplo mais simbólico que foi o martírio da Irmã Dorothy Stang, SND, da Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur.

Destaca-se que mulheres que já realizam de fato um papel central nas comunidades amazônicas deveriam receber um reconhecimento eclesial, sendo depositárias de “funções” e “inclusive de serviços” (103). Esses “serviços” implicam “uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo”. Tal reconhecimento por funções e serviços demonstraria que ocupam um lugar de “incidência real e efetiva na organização, nas decisões

mais importantes e na guia das comunidades”. Mas o Sínodo, junto ao Papa, pontua que as mulheres não devem fazê-lo em desacordo ao “estilo próprio do seu perfil feminino” (e em serviços que requeiram a Ordem sacra).

Para o documento final, não é necessário clericalizar as mulheres (100), considerar que precisam aceder à Ordem sacra para obter maior valor na Igreja (100 e 103). Isto empobreceria até a contribuição indispensável que vieram dando. Isto demonstraria uma compreensão da Igreja reduzida a meras “estruturas funcionais” (100). Compreensão que enxerga o poder apenas relacionado à presidência que o varão exerce sobre a comunidade (a esposa), durante a celebração da Eucaristia, em nome de Cristo (o Esposo) (101).

Mas, na verdade, Deus teria querido manifestar o seu poder na Igreja através de dois rostos humanos: “o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria” (101). Nessa “estrutura íntima da Igreja”, não reduzida ao “funcional”, a mulher não preside a comunidade que celebra a Eucaristia, mas prolonga “a força e a ternura de Maria, a Mãe”. Como se vê, o documento aqui emprega a teologia de Hans Urs von Balthasar, cara ao Papa Francisco.

Para o “Querida Amazônia”, na seção “A força e o dom das mulheres”, é por meio de tal poder mariano que as mulheres na Amazônia preservaram as suas comunidades do total desaparecimento.

Como pudemos ver, o Sínodo representa a mulher, a mulher amazônica como forte, fervorosa e até heroica. Considera que ela deve receber mais espaço na estrutura formal da Igreja ou, em alguns casos, o reconhecimento do papel que já exerce *de facto*. Enfatiza, em seguida, que há funções e serviços restritos ao ministro ordenado; que não seriam próprios da figura da mulher. E propõe como embasamento a teologia de Balthasar sobre o caráter “feminino”, “mariano” da Igreja.

Talvez por um lapso do documento, faltou-lhe especificar, nessa teologia sobre os dois poderes da Igreja, qual seria o papel do varão que não é ordenado. Isto é, do leigo que permanece na assembleia durante a Eucaristia. Esse varão, estando na assembleia, apresenta-se inevitavelmente como esposa (comunidade) ao Esposo (Cristo/ministro ordenado). Ele seria menos “homem”, menos “Cristo”?

Isto já nos mostra a necessidade de renovar, sempre com novo fôlego, os estudos sobre o gênero e, também, os estudos sobre o batismo. O batismo é a porta de entrada à Igreja. A comunhão principal com o Cristo se dá por meio desse sacramento. Por isso, todos representam o Cristo e, ao mesmo tempo, a Igreja, a Esposa. Homens e mulheres os manifestam na liturgia e na vida. Munidos dessa visão, é que poderemos articular melhor uma teologia dos ministérios eclesiais.

Quanto ao restante de seu *corpus*, o que o “Querida Amazônia” poderia nos oferecer de contribuição à teologia do laicato e à teologia do feminino? A teologia da sinodalidade certamente pode nos descerrar novos caminhos.

“Abrir processos”, no dizer de Francisco, que está no centro da teologia sinodal, alinha-se ao “bem viver” que caracteriza a cosmovisão indígena, segundo o documento. Como se sabe, “sínodo” significa “caminhar juntos” e dá nome a reuniões da Igreja que, por meio do diálogo, pretendem gerar um só espírito e coração ao tomar decisões. O Papa Francisco opta pela sinodalidade quando não dá por terminada uma discussão, ou um acontecimento, e os deixa fluir, até nos trazer o “novo”. Nesse ponto, o “bem viver” dos povos originários nos ensina a harmonia com o outro e com a natureza, uma visão holística do mundo, que não se traduz em dominação.

Em sua análise geral sobre a situação social na Amazônia, o documento comenta que, acompanhando as operações econômicas injustas e criminosas, que devastam a floresta e interferem nos direitos dos povos originários:

(...) temos graves violações dos direitos humanos e novas escravidões que atingem especialmente as mulheres, a praga do narcotráfico que procura submeter os indígenas, ou o tráfico de pessoas que se aproveita daqueles que foram expulsos de seu contexto cultural. Não podemos permitir que a globalização se transforme num «novo tipo de colonialismo».

As variadas formas de escravidão que atingem sobretudo mulheres, por meio dessa nova forma, global, de colonialismo, particularmente na Amazônia, confirmam a infeliz “feminização da pobreza”, tão bem denunciada por Ana Maria Tepedino -- na esteira de Ivone Gebara. No olhar preferencial que a teologia latino-americana lança ao pobre, segundo as raízes do cristianismo, descobre-se a mulher como “a mais pobre entre os pobres”. É a “mãe pobre” que figura nos índices mais altos de pobreza.

Na mãe pobre e amazônica, a força de transformação das mulheres “pode se sintetizar como resistência para sobreviver, como criatividade para encontrar seu lugar na sociedade – como liberdade que, no sentido religioso, significa: viver e falar de Deus”.

“Viver Deus” significa cuidar da pessoa humana. Mas essa mãe que cuida de todos também precisa ser cuidada. “Cuidado” é a grande senha de “Querida Amazônia” – dessa Amazônia que é mulher, pobre, mestiça, e ameríndia – alvo das maiores violências. Dessa mulher que está no centro da realidade.

Questões para reflexão:

- 1) Que aspectos positivos o documento “Querida Amazônia” reconhece na mulher amazônica?
- 2) Por que é problemático dizer teologicamente que Cristo é modelo para os homens batizados, e Maria, modelo para as mulheres batizadas?

Referências bibliográficas:

GRILLO, Andrea. “Querida Amazônia” também pode se tornar “Querida Mujer”? Sobre os leigos e o ministério das mulheres. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596339-querida-amazonia-tambem-pode-se-tornar-querida-mujer-sobre-os->

[leigos-e-o-ministerio-das-mulheres-artigo-de-andrea-grillo](#) . Acesso em 05.03.2020

PAOLO II, GIOVANNI; ENCICLICA, Lettera. Centesimus annus. **São Paulo: Paulinas**, n. 8, p. 10, 1991.

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia, 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html . Acesso em 03/02/2020